

Escotismo e Comunidade

Osny Câmara Fagundes



ESCOTEIROS
DO BRASIL

ESCOTISMO

&

COMUNIDADE



Escoteiros do Brasil
construindo um mundo melhor

OBRA EDITADA EM CONFORMIDADE
COM OS PROPÓSITOS EDUCACIONAIS DO
MOVIMENTO ESCOTEIRO NO BRASIL

ESCOTISMO & COMUNIDADE

1ª Edição - 1.000 exemplares - junho de 2001

2ª Edição - 1.000 exemplares - abril de 2008

1ª Reimpressão - 1.000 exemplares - maio de 2012

2ª Reimpressão - 500 exemplares - outubro de 2013

Texto e Diagramação:
Osny Câmara Fagundes

Capa:
Andréa Queirolo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser traduzida ou adaptada, reproduzida, armazenada ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem prévia autorização expressa da Diretoria Executiva Nacional da União dos Escoteiros do Brasil.

União dos Escoteiros do Brasil
Escritório Nacional
Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Bairro: Água Verde
80250-100 - Curitiba - PR
Tel. (41) 3353-4732
www.escoteiros.org.br

® É marca registrada da União dos Escoteiros do Brasil

APRESENTAÇÃO

Quando ocupava a função de Diretor Presidente da UEB, propus à Comissão Nacional de Programa de Jovens o desafio de escrever sobre o relacionamento entre os Grupos Escoteiros e as comunidades em que eles estão inseridos.

O desafio deveria contemplar uma constatação que brota do banco de dados do Setor de Registro Escoteiro do Escritório Nacional: a maioria dos nossos Grupos Escoteiros tem sua sede no interior de comunidades tipicamente urbanas, algumas delas muito bem aquinhoadas no que se refere aos indicadores de seu nível de desenvolvimento.

Ao apresentar o desafio, sugeri à Comissão Nacional de Programa de Jovens que procurasse resgatar as ideias expostas pelo companheiro Osny Câmara Fagundes, em matéria que fez publicar nas edições de números 128, 129 e 130 do informativo *SEMPRE ALERTA*, ao tempo em que aquele companheiro ocupou o cargo de Diretor Executivo da UEB.

A CNPJ cumpriu a missão e, em pouco mais do que seis meses, bem a tempo de chegar aos leitores antes que os Grupos Escoteiros iniciassem, de fato, a tarefa de montar seu planejamento para o ano de 2002, ofereceu aos dirigentes e escotistas de todo o Brasil este *ESCOTISMO & COMUNIDADE*.

A obra, vazada em linguagem simples e de leitura fácil, introduziu a ideia de um *Plano de Atuação junto à Comunidade*, o PAC, que qualquer Grupo Escoteiro pode elaborar, depois de trilhar os passos iniciais no sentido de melhorar e ampliar seu relacionamento com a comunidade que o acolhe, também contemplados pela obra.

Como acontece com a maioria das obras escoteiras, *ESCOTISMO & COMUNIDADE* também não se pretende pronta e acabada. Representa um primeiro estágio, o início de uma construção à qual você, que vai desenvolvê-la, na prática, incorporará, com o passar dos tempos, toda a riqueza das experiências que resultarem do esforço do seu Grupo Escoteiro.

Todos juntos seremos capazes, com certeza, de converter este *ESCOTISMO & COMUNIDADE* em um instrumento de enorme utilidade para o desenvolvimento do Escotismo no Brasil, fazendo com que nosso Movimento não fique divorciado da realidade brasileira.

Mãos à obra!

SEMPRE ALERTA, PARA SERVIR!

RUBEM TADEU C. PERLINGEIRO

ÍNDICE

Páginas

<i>VOCÊ JÁ CONHECE ESSA HISTÓRIA...</i>	7
<i>E POR QUE ISSO ACONTECE COM TANTA FREQUÊNCIA?</i>	9
<i>CONSTRUINDO UM NOVO TIPO DE RELACIONAMENTO</i>	13
<i>O ESCOTISMO E A COMUNIDADE</i>	15
<i>OS SERVIÇOS À COMUNIDADE</i>	19
<i>O PRIMEIRO PASSO: CONVENCENDO O GRUPO ESCOTEIRO</i>	23
<i>O SEGUNDO PASSO: CONVERSANDO COM A COMUNIDADE</i>	25
<i>O TERCEIRO PASSO: IDENTIFICANDO ESPAÇOS A OCUPAR</i>	29
<i>O QUARTO PASSO: CONQUISTANDO ESPAÇOS PARA O GRUPO</i>	31
<i>DEU TUDO CERTO! E AGORA?</i>	33
<i>EXPLORANDO O ÊXITO</i>	35
<i>CRESCIMENTO E CAPTAÇÃO DE RECURSOS: UM RESULTADO ADICIONAL</i>	37

VOCÊ JÁ CONHECE ESSA HISTÓRIA...

A história é velha de quase um século. Eu a ouvi pela primeira vez, lá se vão uns bons quinze anos, contada pelo saudoso Chefe Darcy Malta, que viveu o pesadelo com seu Grupo Escoteiro.

Quando voltou de sua viagem de lua de mel, contava o Chefe Darcy, encontrou na estação de Juiz de Fora alguns escoteiros do seu Grupo que lhe deram a triste notícia: o Grupo fora expulso da sede que então ocupava – já nem me lembro mais se estava situada numa escola ou no terreno de uma igreja – porque o Padre, ou do Diretor da escola, decidira ocupar o espaço com uma outra atividade qualquer.

Para que o Grupo não fechasse, o Chefe Darcy o instalou provisoriamente no porão de sua casa e, nessa “sede provisória”, o Grupo permaneceu até muito depois das bodas de prata do Chefe Darcy, só a deixando para ocupar uma nova sede, agora própria, construída em terreno adquirido pelo Grupo.

Você, com certeza, conhece uma história igual a esta. Antigo ou recente, com enredos e personagens diferentes, o pesadelo do Grupo Escoteiro que se vê privado da sede que ocupou durante anos e anos assombra a história de todas as Regiões Escoteiras. O acolhimento em “sedes provisórias”, como aconteceu na história contada pelo Chefe Darcy Malta, nem sempre assegura um final feliz; bem mais comum é o Grupo se desestruturar completamente e, ao cabo de um período

mais ou menos curto, encerrar suas atividades.

Na maioria das vezes, o pesadelo tem uma origem comum. Logo que surge, o Grupo Escoteiro conquista – a título precário e quase sempre sem que se assine um convênio ou qualquer outra espécie de documento – um espaço que passa a utilizar como sede; como regra geral, o espaço pertence a alguma escola ou instituição religiosa, ou é uma instalação em desuso cedida pela prefeitura municipal, por um clube, por uma instituição civil ou militar ou por qualquer outra espécie de entidade. Ali se instala e vai ficando o Grupo Escoteiro, que logo começa a crescer e a introduzir no espaço algumas benfeitorias: pinta as paredes, constrói uma salinha para a Alcatéia, reforma ou amplia o número de banheiros, instala um almoxarifado para guardar seu material de acampamento...

É um componente comum desse enredo que gerações e gerações de escoteiros, escotistas e dirigentes se sucedam naquele Grupo Escoteiro até que um dia, quando já não estão presentes os personagens que viveram os tempos gloriosos de sua fundação, a notícia cai como uma bomba: *“o Padre quer esse espaço para instalar uma escola de bordados para as meninas da paróquia”*, *“a Diretora vai ampliar a biblioteca da Escola e precisa desse espaço”*, *“o clube está se expandindo e aqui vai ser a academia de ginástica”* ou *“a comunidade pediu e a prefeitura vai instalar aqui um novo Centro Social”*.

E POR QUE ISSO ACONTECE COM TANTA FREQUÊNCIA?

Quase sempre, porque o Grupo Escoteiro não é percebido como algo importante para a comunidade que o acolhe. Aos olhos da comunidade, ou da autoridade que detém o poder de decidir o que vai funcionar naquelas instalações, o Grupo Escoteiro não é mais do que um local que permanece trancado durante toda a semana e que é aberto aos sábados, no período da reunião (pouco mais do que três ou quatro horas), para que umas poucas crianças se reúnam, cantem umas musiquinhas engraçadas, participem de alguns jogos recreativos e pratiquem algumas técnicas relacionadas com nós e amarras que, para os não-iniciados, são de utilidade bastante duvidosa.

O conhecimento de que, por trás das musiquinhas engraçadas, dos jogos recreativos e das técnicas escoteiras se esconde todo um Projeto Educativo é só nosso; não chegam a ser percebido pela comunidade, em sua vida diária, os benefícios que resultam, para os jovens, da prática escoteira que a eles oferecemos. Da mesma maneira, da presença do Grupo Escoteiro não resultam benefícios imediatos e diretos para a comunidade que o acolhe, salvo para aquelas famílias que têm filhos ligados a ele.

De uma maneira geral, a comunidade não sabe para que serve o Escotismo. Os moradores, os comerciantes, os síndicos dos edifícios vizinhos, os policiais que patrulham o bairro, a diretora da escola, o padre ou o pastor da igreja, o jornaleiro, os motoristas de táxi que “fazem ponto” ali na esquina, todos eles já estão acostumados com a

presença daqueles meninos e meninas, rapazes e moças que, a cada tarde de sábado, circulam pelas ruas do bairro e se juntam na sede do Grupo Escoteiro.

Todos, ou quase todos, têm uma vaga noção sobre o que é o Movimento Escoteiro, do qual, um dia, já ouviram falar. Talvez, até, saibam que o Movimento tem alguma coisa a ver com acampamentos; já ouviram escoteiros cantando, já presenciaram algumas de suas brincadeiras, já colaboraram com alguma iniciativa dos escoteiros, já foram a uma festa junina organizada pelos escoteiros. Mas não sabem para que serve o Escotismo. É alguma espécie de instituição paramilitar? De escola? De clube recreativo?

Você se surpreenderia, com certeza, com a diversidade e disparidade das opiniões que surgiriam se, algum dia, tivesse a oportunidade de apresentar essa questão aos seus vizinhos mais próximos.

É natural que seja assim. Pense em você mesmo, no tempo em que ainda não estava ligado ao Movimento. Que ideia você fazia, então, do Escotismo?

Seus vizinhos só passarão a conhecer melhor o Movimento no dia em que você lhes contar por que você se dispõe a deixar o conforto de sua casa e de suas poucas horas de lazer nas tardes de sábado – semana após semana, mês após mês, ano após ano – para participar das reuniões do seu Grupo Escoteiro.

Seus vizinhos não conhecem o Escotismo e acreditam que vivem muito bem sem esse conhecimento. É você que deve mostrar a eles que poderiam viver ainda melhor, se aceitassem a presença do Escotismo em suas vidas e buscassem extrair o melhor proveito possível da existência de um Grupo Escoteiro na comunidade.

Até que você o faça – mas nem tente convidá-los para ouvir uma palestra sobre o assunto; eles não vão aparecer! – é natural que eles concordem com a solução mais simples: a comunidade precisa do espaço para desenvolver atividades mais importantes... e que saiam os Escoteiros!

CONSTRUINDO UM NOVO TIPO DE RELACIONAMENTO

Você já ouviu falar em um pequeno peixe – a rêmora – que atravessa os mares preso à couraça dos tubarões por um pequeno disco em forma de ventosa que possui na cabeça? Apesar de sua voracidade de predador, o tubarão não ataca a rêmora; ao contrário, permite que se aproxime, que se grude ao seu corpo e aceita servir-lhe como veloz meio de transporte, em troca de uma pequena retribuição da rêmora, que mantém limpa e lisa sua couraça, alimentando-se de pequenos organismos que a ela poderiam aderir, reduzindo a velocidade das manobras que o predador se vê obrigado a fazer, no curso de sua ação predatória.

Chamamos “*simbiótico*” a essa espécie de relacionamento que é vantajoso para os dois seres que dele participam. A rêmora se alimenta, principalmente, dos pequenos organismos que aderem à couraça do tubarão; o tubarão a poupa de sua voracidade, para assegurar a permanente hidrodinâmica de que depende para caçar. A simbiose entre o tubarão e a rêmora resulta, portanto, vantajosa para as duas espécies.

Também simbiótico deveria ser o relacionamento entre um Grupo Escoteiro e a comunidade que o acolhe. O Grupo Escoteiro usa a comunidade como “*laboratório*” onde a criança e o jovem aprendem a servir, servindo; a comunidade se beneficia, no presente, dos resultados da contribuição que crianças e jovens prestam à comunidade,

servindo-a, enquanto aprendem a servi-la, e se beneficiará ainda mais, no futuro, pelo fato de contar com maior número de cidadãos responsáveis, participantes e úteis.

Mas só existe simbiose onde as duas partes percebem muito claramente a vantagem que ambas podem extrair daquele relacionamento. E, no relacionamento entre o Grupo Escoteiro e a comunidade que o acolhe, essa percepção nem sempre é tão evidente.

Na maioria das vezes, o Grupo Escoteiro não enxerga a comunidade como um laboratório. Voltado para si mesmo e pouco interessado em se relacionar com a comunidade situada fora dos limites das famílias que o integram, o Grupo Escoteiro, mesmo quando se dispõe a prestar serviços de natureza comunitária, o faz de maneira esporádica e eventual, como parte da programação de uma atividade mais ampla que, na maioria das vezes, se desenvolve fora das vistas e do âmbito da comunidade que o acolhe. A comunidade não percebe o engajamento do Grupo Escoteiro em trabalhos de natureza comunitária nem, e muito menos, auferir qualquer tipo de benefício imediato decorrente desse engajamento.

Da comunidade vizinha, o Grupo Escoteiro, como regra quase que geral, só quer o benefício de contar com uma sede onde possa se reunir e manter guardado o material, de preferência no mesmo bairro onde residem as crianças e os jovens que o integram. Age como se fosse uma rêmora, interessada, apenas, em usar o tubarão como transporte cômodo para vencer rapidamente grandes distâncias.

E, sem o estabelecimento de um relacionamento simbiótico, é natural que a comunidade o veja como um “*corpo estranho*” que se aloja em seu interior, atribuindo-lhe um valor pequeno e inexpressivo; dele a comunidade se descarta, sem remorsos ou preocupações, quando lhe surge a oportunidade de usar o mesmo espaço para construir, com algum outro organismo, um relacionamento que lhe pareça mais vantajoso.

O ESCOTISMO E A COMUNIDADE

O ideal de servir à comunidade encontra suas raízes na própria criação do Movimento Escoteiro, que surgiu em meio a uma sociedade caracterizada pelo egoísmo extremado, justamente com a finalidade de reformá-la, pela transformação de cada indivíduo.

Analisando esse aspecto tão peculiar de sua criação, Baden-Powell destacou, no seu ***GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO***, que *“ensinar a servir não é propriamente um assunto de lições teóricas, mas o desenvolvimento de duas fases distintas: estimular o espírito de boa vontade e proporcionar oportunidades para pô-lo em prática”*.

“O ensino” – continuou Baden-Powell – *“se realiza principalmente pelo exemplo, e o Chefe Escoteiro, com sua dedicação patriótica ao serviço da juventude, somente pela alegria de fazê-lo, sem visar recompensas materiais, indica exatamente o caminho acertado. A oportunidade para a prática é oferecida pelo Chefe Escoteiro, que vai sugerir aos jovens trabalhos especiais de serviço à comunidade”*.

E conclui: *“Os serviços ao público oferecem o melhor meio para treinamento prático dos sentimentos de dever para com a comunidade, de patriotismo e de autodedicação, através de realizações”*.

Quando descreve o homem e a mulher que pretendemos oferecer

à sociedade, o Projeto Educativo da União dos Escoteiros do Brasil enfatiza o desejo de que os jovens que tenham sido Escoteiros façam o seu melhor possível para ser *“Um homem ou uma mulher líder a serviço do próximo. Integrado ao desenvolvimento da sociedade, capaz de dirigir, de acatar leis, de participar, consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres”*.

Visando tornar possível sua contribuição para a formação dessa espécie de cidadão, os objetivos finais para a área de desenvolvimento social contemplam, entre outros, o de *“participar ativamente da vida das comunidades em que está inserido, contribuindo para criar uma sociedade justa, participativa e fraterna”*.

A inclusão deste objetivo guarda estreita coerência com o ensinamento de Baden-Powell: *“A cidadania ou civismo tem sido definida em poucas palavras da seguinte maneira: Lealdade ativa à comunidade. Em um país livre é coisa fácil, e nada fora do comum, alguém ser considerado um bom cidadão só porque acata as leis, é trabalhador e expressa opiniões sobre política, esportes ou atividades de natureza geral, deixando que outros se preocupem com o bem estar nacional. A isto se chama cidadania passiva. Mas esta classe de cidadania não é suficiente para manter em evidência, no mundo, as virtudes de liberdade, justiça e honra. Só a cidadania ativa pode consegui-lo”*.

O conhecimento dos serviços e das organizações sociais de sua comunidade, a predisposição para servir, a participação em ações coletivas de serviço e desenvolvimento comunitário, uma atitude proativa diante das diferenças sociais e o conhecimento e a capacidade de valorizar criticamente as ideologias e as posições políticas são, sem dúvida alguma, os traços que evidenciam, no cidadão, sua capacidade de *“participar ativamente da vida das comunidades em que está inserido, contribuindo para criar uma sociedade justa, participativa e fraterna”*:

A construção desses traços pode ser alcançada por meio da conquista de objetivos educativos propostos ainda no Ramo Lobinho e que se propagam, com profundidade crescente, por todo o Programa de Jovens. Como nas demais áreas de desenvolvimento, a criação de oportunidades em que, por meio das atividades escoteiras, crianças e jovens caminhem na direção da conquista desses objetivos é uma responsabilidade dos adultos que, como dirigentes e, principalmente, como escotistas, se dispõem a oferecê-lo, nos nossos Grupos Escoteiros.

E garantimos que, na medida em que escotistas e dirigentes estiverem mais qualificados para fazê-lo, o relacionamento entre o Grupo Escoteiro e a comunidade que o acolhe assumirá uma feição evidentemente simbiótica.

OS SERVIÇOS À COMUNIDADE

Embora bastante farta em ideias sobre o assunto, a literatura escoteira tradicional parece muito preocupada com o atendimento a algumas necessidades básicas de saúde e saneamento que nem sempre são as que mais afligem as comunidades que acolhem a maioria dos nossos Grupos Escoteiros.

A orientação sobre a construção de fossas e latrinas, a divulgação de cuidados higiênicos essenciais, o relacionamento entre saúde e filtragem da água que se vai beber, as vantagens do aleitamento materno e do uso da terapia de reidratação oral como formas de reduzir a mortalidade infantil, o engajamento em campanhas de vacinação infantil ou de doação de sangue, assim como o apoio a creches para crianças carentes ou a asilos para idosos em condições de extrema pobreza constituem, sem dúvida, excelentes exemplos de ações desenvolvidas por Grupos Escoteiros.

Mesmo sendo ocasionais, não se pode pôr em dúvida o valor que tais ações agregam ao Programa de Jovens. São elas que colocam crianças e jovens em contato com realidades por vezes muito diferentes daquelas que eles conhecem e com as quais estão familiarizados, contribuindo, por essa forma, para que se aproximem da conquista de objetivos intimamente relacionados com a construção dos traços que caracterizam a cidadania ativa. No caso específico de comunidades

desassistidas e de instituições que enfrentam dificuldades de toda ordem para que continuem sobrevivendo, tais ações representam um aporte extremamente valioso.

Mas isso não basta. O escoteiro deve ser preparado para se tornar um cidadão responsável, participante e útil também – e principalmente – no seio da comunidade em que vive, e esta, quando se trata de uma comunidade urbana e com uma estrutura socio-econômica um pouco mais desenvolvida, não carece, ou carece muito pouco, de ações dessa natureza.

Além de ocasionais, e até porque, na maioria das vezes, não respondem às necessidades da comunidade em que se situa o Grupo Escoteiro, as clássicas ações de serviço e desenvolvimento comunitário se passam fora das vistas da vizinhança, contribuindo muito pouco para emprestar ao seu relacionamento com o Grupo Escoteiro aquela feição simbiótica a que nos temos referido.

O que estamos propondo não é, portanto, que o Grupo Escoteiro deixe de lado essas ações consideradas clássicas, mas que as complemente com outras, mais aproximadas dos interesses imediatos da comunidade que o acolhe. Isso servirá a dois propósitos: o primeiro, de natureza educativa, é contribuir para que crianças e jovens se preparem para exercer uma cidadania ativa no seio da comunidade onde vivem; o segundo, de natureza institucional, é reforçar os vínculos entre o Grupo Escoteiro e sua comunidade.

É preciso construir uma ponte, abrir um canal de comunicação entre o Grupo Escoteiro e a comunidade. É preciso descobrir em que está interessada aquela comunidade que não espera que lhe ensinem a construir fossas e latrinas, pois já conta com os serviços de saneamento básico; que não precisa aprender, por que já sabe, que não é saudável beber água antes de filtrá-la; que já recebe, pela televisão e pelos jornais, todas as informações de que necessita a respeito do aleitamento materno

e das campanhas de vacinação; que conta, para zelar pela saúde de seus filhos, com médicos, hospitais e postos de saúde.

Como entre a rêmora e o tubarão, se estabelecerá entre o Grupo Escoteiro e a comunidade um relacionamento simbiótico. O Grupo Escoteiro deixará de ser um “*corpo estranho*” na comunidade, e logo será exorcizado o pesadelo de perder a sede.

Isso vai dar um bocado de trabalho! Mas não é uma tarefa impossível.

O PRIMEIRO PASSO: CONVENCENDO SEU GRUPO ESCOTEIRO

Não será possível realizar um bom trabalho de aproximação com a comunidade se esse não for o ânimo de todo o Grupo Escoteiro.

Sua primeira tarefa será convencer seus companheiros da Diretoria do Grupo, os escotistas responsáveis pelas Seções e seus assistentes, o Conselho de Clã, as Cortes de Honra e todos os membros do Grupo de que é importante dar início a esse processo.

Você deve estar preparado para enfrentar resistências. No Grupo Escoteiro, *estamos todos tão ocupados praticando escotismo que quase não nos sobra tempo para fazer Escotismo!* A preocupação em tentar aplicar corretamente o Método Escoteiro é tão absorvente que nos leva a perder de vista o Propósito do Movimento Escoteiro. Um bom número de escotistas e dirigentes ainda faz uma grande confusão entre os meios e os fins. Como movimento educacional, o Escotismo tem por fim o autodesenvolvimento integral do jovem, rumo à plena cidadania; como meio para chegar a esse fim, se vale de um método, o Método Escoteiro – que deve ser considerado um instrumento a serviço do Propósito, e não um fim em si próprio – por meio do qual todos tentamos cumprir um Programa de Jovens coerente com nosso Projeto Educativo.

Fácil de dizer, difícil de fazer! Presos a velhos paradigmas e a conceitos que se cristalizaram com o passar dos anos, adultos que não lograram compreender o verdadeiro sentido do Programa de Jovens e jovens que estão acomodados a uma rotina que simplesmente os diverte apresentarão forte resistência a uma proposta que vai exigir de todos dedicação e persistência, além de muito trabalho.

Cuidado! Não tome nenhuma iniciativa sem ter a certeza de que o Grupo Escoteiro está interessado na construção de um relacionamento simbiótico com a comunidade em que está inserido! Você poderá dar partida a um processo que acabará não se concretizando, por falta de interesse dos próprios membros do Grupo e, se isto acontecer, a emenda será pior do que o soneto: em lugar de corrigir uma situação incômoda, o relacionamento entre o Grupo e a comunidade pode se deteriorar de uma vez por todas; não faltarão vozes que apontarão a falta de vocação e a incapacidade do Grupo (e do Movimento Escoteiro) para lidar com a comunidade.

No processo de convencer e motivar seu Grupo Escoteiro, não disfarce a verdade. É preciso que todos entendam que você está propondo uma maneira diferente de abordar o Programa de Jovens e que isso vai trazer mais trabalho para todos, além de exigir a modificação de rotinas e procedimentos estereotipados. Depois de desencadeado o processo, com a efetiva adesão de todo o Grupo, não sobram espaços para alegações do tipo *“a Tropa toda tem que ficar na sede nos próximos quatro sábados, senão os meninos vão se atrasar em sua progressão pessoal”* ou *“o Clã já está muito envolvido com a preparação da festa de aniversário do Grupo, e não vai ter tempo para cumprir essa tarefa”*.

O SEGUNDO PASSO: CONVERSANDO COM A COMUNIDADE

Depois que o Grupo Escoteiro decidir se mobilizar em torno de sua proposta, é preciso descobrir de que maneira a comunidade poderá servir como laboratório onde lobinhos e lobinhas, escoteiros e escoteiras, seniores e guias, pioneiros e pioneiras aprendam a servir, servindo.

Se você tentar impor à comunidade um determinado tipo de serviço, e se esse serviço não é identificado pela comunidade como algo capaz de atender a uma necessidade real, será impossível estabelecer com ela um relacionamento simbiótico.

Longe de contribuir para melhorar o relacionamento do Grupo com a comunidade, a tentativa de “*vender*” à comunidade algo que ela não está interessada em “*comprar*” pode torná-lo ainda pior: é muito mais difícil conviver com um “*chato*”, que tenta nos impor um serviço que não queremos receber, do que com um “*corpo estranho*” que, se não nos ajuda, pelo menos não está nos incomodando.

Portanto, não estimule crianças e jovens a sair batendo de porta em porta se oferecendo para dar lições sobre coleta seletiva e reciclagem de lixo, sobre economia de eletricidade ou de água ou sobre as vantagens do consumo de verduras e legumes produzidos sem o

auxílio de agrotóxicos só porque esses temas estão “*na moda*”, sem ter a certeza de que sua comunidade está, de fato, interessada em tais assuntos.

Entretanto, esteja certo de que sua comunidade, por melhor aquinhoadada que seja em matéria de serviços públicos, ainda necessita de outros, e espera que alguém se disponha a prestá-los. E é esse o espaço que você está procurando: além de contribuir para prestar à comunidade serviços de que ela sinta necessidade, você quer descobrir como oferecer a crianças e jovens oportunidades para que aprendam a satisfazer carências da comunidade em que vivem. Para identificar esse espaço, você precisará se aproximar da comunidade, fazê-la falar sobre o assunto e, principalmente, ouvi-la.

Resista à tentação das soluções simplistas! Não prepare um questionário para ser distribuído entre os vizinhos, esperando que eles o restituem com respostas prontas para serem tabuladas e convertidas em atividades das diferentes Seções do Grupo Escoteiro!

Existem várias maneiras de conversar com a comunidade. Uma delas é procurar informalmente as diversas lideranças comunitárias (os síndicos, o pároco, a diretora da escola etc.) ou os próprios moradores e comerciantes da vizinhança e, com cada um deles, conversar sobre o assunto; outra, é procurar os órgãos públicos que prestam serviços à comunidade e perguntar a eles que serviços a comunidade costuma lhes solicitar e que eles não podem atender, seja porque escapam à sua alçada, seja porque não dispõem dos recursos que seriam necessários ao pleno atendimento desses anseios.

UMA FEIRA DE SERVIÇOS PÚBLICOS

Uma maneira simpática de alcançar tal resultado é promover, na sede do Grupo Escoteiro ou em qualquer outro espaço dentro da

comunidade, uma feira de serviços públicos. O Grupo Escoteiro pode organizar uma atividade em que se reúnem representantes dos diversos órgãos prestadores de serviços públicos (a Companhia de Eletricidade, a Polícia, o Serviço de Limpeza Urbana, a Companhia Telefônica, o DETRAN, a Prefeitura, o Posto de Saúde, a Companhia de Águas e Saneamento e outros que operem na localidade) para mostrar seu “*produto*”, isto é, o serviço que lhes cabe prestar à comunidade, seja por meio da exposição de painéis, da montagem de *stands*, da projeção de filmes ou de quaisquer outros recursos que possam ser utilizados nessa espécie de feira.

É bastante fácil mobilizar os órgãos públicos para que participem da atividade; de um modo geral, todos eles apreciarão a oportunidade de mostrar a todos sua utilidade, ainda mais quando o evento é organizado por uma entidade simpática como o Grupo Escoteiro.

Muito mais difícil é fazer com que a comunidade se interesse pela feira, e é aí que entra a proverbial criatividade dos escoteiros. Promover uma apresentação do coral infantil da escola do bairro, arranjar para que os adestradores de cães da Polícia Militar façam uma exibição das habilidades dos seus animais, providenciar para que um grupo amador apresente um espetáculo teatral ou circense, oferecer um coquetel durante o evento são, apenas, algumas ideias que podem auxiliá-lo no esforço para fazer com que o pároco, a diretora da escola, os síndicos, os comerciantes, os moradores, a comunidade, enfim, prestigiem a feira de serviços públicos organizada pelo Grupo Escoteiro.

O TERCEIRO PASSO: IDENTIFICANDO ESPAÇOS A OCUPAR

Se você decidiu organizar uma feira de serviços públicos, programe o evento de tal forma que haja oportunidade para um debate, um momento em que a comunidade possa dizer o que mais gostaria de receber, em matéria de serviços públicos, enquanto que os órgãos prestadores de serviços possam explicar por que razões não são capazes de oferecer esse atendimento adicional. Você e seus companheiros da Diretoria, assim como os escotistas, devem participar desse debate, buscando identificar quanto desse atendimento adicional desejado pela comunidade poderia ser assumido pelo Grupo Escoteiro.

Se a comunidade reclama, por exemplo, que o Corpo de Bombeiros não faz inspeções periódicas nas mangueiras da rede de incêndio dos edifícios residenciais, é quase certo que o representante da Corporação informará que essa não é uma atribuição dos Bombeiros, que se limitam a uma vistoria que antecede à concessão do “*habite-se*”, sendo dos síndicos a responsabilidade de zelar pela segurança dos condomínios. Pergunte-lhe se a Corporação poderia receber os escoteiros durante um final de semana, para treiná-los na realização dessa inspeção; pergunte aos síndicos se eles estariam dispostos a facilitar o acesso dos escoteiros aos edifícios que administram, para vistoriar a rede de incêndio e testar todas as mangueiras. Obtendo – como é quase certo que obterá – a anuência de ambas as partes, procure

incluir na programação da Tropa uma visita ao quartel do Corpo de Bombeiros e, depois que as Patrulhas estiverem suficientemente preparadas e conscientes da responsabilidade que vão assumir, permitam-lhes prestar esse serviço à comunidade, como parte de suas atividades escoteiras.

Não será esse o único espaço que você vai identificar. Treinar zeladores, porteiros e outros funcionários de condomínios residenciais no uso de extintores de incêndio, identificar vazamentos de água em válvulas de descarga mal reguladas ou avariadas, orientar moradores quanto aos riscos do uso abusivo de “*benjamins*” para ligar vários aparelhos eletrodomésticos a uma única tomada, distribuir folhetos com informações sobre as vacinas que devem ser aplicadas aos cães e outros animais domésticos, divulgar cuidados que ajudem a prevenir assaltos a residências, ministrar sessões simples sobre segurança no trânsito para as crianças da escola do bairro, pintar de branco a faixa de pedestres diante do portão da mesma escola, ou de preto e amarelo as faixas que sinalizam os “*quebra-molas*” que ajudam a manter em limites razoáveis a velocidade dos automóveis em suas imediações, são apenas alguns dos serviços que as comunidades costumam aspirar, que nem sempre se encontram no cardápio ou nas prioridades dos órgãos prestadores de serviço público e que estão situados nos limites das possibilidades de um grande número de Grupo Escoteiros. Por que não assumi-los?

O QUARTO PASSO: CONQUISTANDO ESPAÇOS PARA O GRUPO

Depois de identificadas as formas como o Grupo vai interagir com a comunidade, é preciso planejar e desencadear essa atuação. Se o Grupo ainda não tem experiência neste tipo de trabalho, talvez seja conveniente elaborar algo a que poderíamos denominar **Plano de Atuação junto à Comunidade – PAC**.

No PAC, os diferentes serviços que o Grupo se compromete a prestar à comunidade são distribuídos entre as Seções, sempre considerando o grau de desenvolvimento dos integrantes de cada uma delas. Uma Alcatéia é perfeitamente capaz de pintar uma faixa de pedestre, desde que conte com os moldes e demais material necessário; mas só seniores e/ou pioneiros serão capazes de aprender a usar extintores de incêndio de modo a orientar seu uso por zeladores, porteiros e outros funcionários de condomínios.

Também é o PAC que vai orientar e organizar a forma como cada Seção vai adquirir a qualificação necessária para a prestação dos serviços que ficaram sob sua responsabilidade.

Ao elaborar o PAC, o Grupo deverá levar em conta os seguintes aspectos:

- o Grupo Escoteiro não pretende substituir nenhum organismo responsável pela prestação dos serviços públicos, mas complementar o trabalho desses organismos, mobilizando a comunidade para que ela faça por si mesma alguma coisa em seu próprio benefício;
- o empenho do Grupo Escoteiro em prestar esse tipo de colaboração não deve ser confundido com a oferta de mão-de-obra gratuita; é importante que toda a comunidade participe, de alguma forma, na execução das diferentes tarefas;
- ao prestar esses serviços, o Grupo Escoteiro está interessado, principalmente, em ajudar a formar uma nova espécie de cidadãos, capaz de mobilizar a comunidade para fazer por si própria aquilo que sempre acreditamos, erradamente, ser da exclusiva competência dos organismos governamentais;
- o PAC, que constitui uma novidade em seu primeiro ano de aplicação, deve ser uma rotina na vida de qualquer Grupo Escoteiro, a ela se incorporando da mesma maneira como se incorporaram os acampamentos e outras atividades escoteiras; e
- ao adotar o PAC como forma de atuação, o Grupo não deve abrir mão de nenhum outros aspecto característico do Método Escoteiro; assim, o PAC não substitui nem recomenda que as Seções deixem de organizar e aplicar seus Ciclos de Programa, mas deve ser por elas considerado em sua formulação.

DEU TUDO CERTO! E AGORA?

Se o Grupo Escoteiro está motivado para a ação junto à vizinhança, se a conversa com a comunidade resultou proveitosa, se foram corretamente identificados os espaços em que o Grupo deverá atuar e se o PAC se desenvolve conforme previsto, os resultados logo começarão a surgir.

O primeiro resultado será uma lenta e gradual aproximação entre o Grupo Escoteiro e a comunidade. Timidamente, nos primeiros tempos, e com muita familiaridade, mas adiante, a comunidade vai passar a procurar a sede do Grupo para solicitar novos serviços, para apresentar sugestões e para discutir novas ideias que, em última análise, estreitarão ainda mais os vínculos entre o Grupo e a comunidade.

O segundo resultado vai aparecer quando ambos – o Grupo Escoteiro e a comunidade – se derem conta que se estabeleceu entre eles um relacionamento verdadeiramente simbiótico. A partir deste ponto, a presença dos escoteiros passa a ser valorizada pela comunidade, pois são os escoteiros que a ajudam a satisfazer suas necessidades. O Grupo Escoteiro, antes um “*corpo estranho*” cuja presença a comunidade apenas tolerava, passa a ser parte integrante, e uma parte importante, da vida da comunidade.

Acabam-se as preocupações com a preservação da sede, pois a comunidade, como qualquer organismo vivo, repele os “*corpos estranhos*” que se instalam em seu interior, mas vê como mutilação a tentativa de privá-la de qualquer um dos seus componentes.

Entretanto, o trabalho não pode ser considerado encerrado só porque foram conquistados esses dois resultados. Ao contrário, tudo o que se fez até agora foi corrigir um rumo que sempre deveria ter sido seguido. É preciso que se evite perdê-lo, novamente.

EXPLORANDO O ÊXITO

Muito mais cedo do que imagina, o Grupo Escoteiro perceberá que se tornarão dispensáveis aqueles serviços com que iniciou a conquista de espaços na comunidade, seja porque a comunidade aprendeu a fazê-los, com os escoteiros, e já os incorporou ao seu estilo de vida, seja porque tais serviços atendiam a necessidades que se esgotaram logo que atendidas.

Longe de constituir um problema, isto é um excelente sinal: a comunidade, de uma forma ou de outra, experimentou um certo desenvolvimento. **E os escoteiros desempenharam um papel importante nesse desenvolvimento!**

Como uma comunidade jamais terá todas as suas necessidades plenamente atendidas, até por ser um organismo em permanente desenvolvimento, logo substituirá por outras as necessidades que já foram satisfeitas. O Grupo Escoteiro – e todos os que o integram – não podem deixar de evoluir junto com a comunidade; naturalmente, e sem que seja necessário nada mais do que estar sempre em contato com a comunidade, o Grupo encontrará uma nova dimensão para o espaço que lhe está reservado no desenvolvimento comunitário.

Foi Baden-Powell quem registrou, no mesmo ***GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*** já citado anteriormente: “*Quando a eficiência*

se torna evidente, o interesse público é despertado e este é levado ao ponto de cooperar. Deve-se, pois, reconhecer que o esquema tem um duplo valor: o da educação da juventude e o do benefício para a comunidade”.

É desse duplo valor destacado por Baden-Powell que resultará algo que só será perceptível ao cabo de muitos anos (também foi Baden-Powell que falou sobre a necessidade de avaliarem-se os efeitos do Movimento Escoteiro no futuro, em prazo não inferior a uma década): a transformação social ocorrida na comunidade, como decorrência da absorção de cidadãos que, na infância e na juventude, foram treinados para agir na comunidade, participaram do desenvolvimento de sua comunidade e se desenvolveram com ela.

E o Grupo Escoteiro poderá, um dia, se orgulhar de haver contribuído para a formação de bons cidadãos, o que é bem mais do que haver adestrado bons escoteiros!

CRESCIMENTO E CAPTAÇÃO DE RECURSOS: UM RESULTADO ADICIONAL

Quase nos esquecemos de comentar um resultado adicional com que certamente se beneficiará qualquer Grupo Escoteiro que se decida a construir com a comunidade essa espécie de relacionamento simbiótico em cuja importância temos insistido tanto. A abertura para a comunidade vai torná-la mais receptiva ao Escotismo, e todos logo vão perceber que existe alguma coisa mais por trás dos jogos, das canções e das brincadeiras com que se divertem crianças e jovens que frequentam o Grupo Escoteiro.

Provavelmente, era isso o que faltava para que outras crianças e jovens moradores nas vizinhanças se interessassem, eles também, por ingressar no Grupo Escoteiro. Com a adesão de crianças e jovens, o Grupo vai crescer, mesmo sem pôr em marcha qualquer projeto orientado especificamente para o crescimento.

Os adultos da comunidade, por sua vez, tocados pela mesma percepção de que por trás do Escotismo existe algo mais do que brincadeiras e acampamentos, serão uma fonte quase que inesgotável de recursos humanos, pois entenderão, finalmente, que colocar-se a serviço do Escotismo não é se vestir como um menino e passar algumas horas por semana cantando e brincando com meninos. Estarão prontos para o processo de captação que o Grupo Escoteiro sempre sonhou

desenvolver, permitindo a ampliação de seu quadro de escotistas e dirigentes.

Por último, e sempre considerando que não existe qualquer espécie de incompatibilidade entre dinheiro e Escotismo, a aproximação com a comunidade abre toda uma nova perspectiva na área dos recursos financeiros. Reunir recursos para financiar novos projetos e, até, para dar seguimento à vida do Grupo, deixa de ser um problema exclusivo do Grupo Escoteiro e se converte em preocupação de toda a comunidade, vivamente interessada nos projetos que o Grupo desenvolve em proveito de todos; dispondo de maior facilidade para reunir recursos, o Grupo se torna mais ativo, cresce e, principalmente, pode acolher em suas fileiras aqueles que nem sempre contam com recursos suficientes para custear sua participação no Movimento.

Em resumo: a abertura em direção à comunidade, além de ser uma imposição do Programa de Jovens, é a solução para a maioria dos problemas de qualquer Grupo Escoteiro.

Basta que ele encontre tempo e disposição para fazer Escotismo...



Escoteiros do Brasil
construindo um mundo melhor